

A Coluna do Kina

DEVANEIOS SOBRE ESTÉTICA III

Musings on esthetics III

Sidney Kina

Quando se pensa em odontologia restauradora, pensa-se sempre em funcionalidade. As estruturas dentárias, o aparato periodontal e todos os órgãos que compõem o sistema estomatognático estão concebidos para o eficiente exercício das funções, em especial a mastigação. Entretanto, embora a preocupação com a funcionalidade seja a mais evidente, é certo que não deve ser a única. Aqui não é meu objetivo discorrer sobre o fascínio que a beleza exerce sobre o ser humano, interessa-me apenas destacar o quanto o culto à beleza faz parte da cultura do homem em qualquer sociedade e em qualquer tempo em nossa história evolutiva. Intrínseca em nossos genes e permeada em nossos sentidos, a preferência pelo belo faz parte de nossos instintos. Não é por outra razão nossa atração pela harmonia de forma e cores. Pode-se pensar assim, numa “função estética” que as coisas em geral devem possuir a fim de criar uma sensação visualmente agradável e equilibrada às pessoas. Lógico, isso vale também para as restaurações dentárias, sobretudo na dinâmica do sorriso.

A função estética das estruturas dentárias deve ser levada em conta em toda e qualquer intervenção restauradora, e sua garantia deve ser objetivo tanto quanto a função, seguindo o princípio inquestionável da fisiologia de forma/função. Entretanto, entendo que, quando falo sobre estética e abordo o problema da percepção e do sentido da beleza, entro em um terreno extremamente litigioso. Assim, é interessante a grande discussão sobre a estética *bleach* do momento. Uma rápida passada pelas redes sociais dá a ideia da dimensão da guerra. Casos clínicos apresentam restaurações de um branquíssimo *latte*, convertidos quase em obsessão, desde que celebridades têm desfilado seus dentes impolutos sobre os holofotes.

Tanto quanto recebem críticas severas, instigam elogios e admiração. Vejo isso como um movimento cultural contemporâneo, como padrões marcados de outros tempos.

Um bom exemplo vem do Japão, entre o Império Edo (1603-1868) e o Império Meiji (1867-1912), onde um símbolo de beleza e *status* social era ter dentes pintados de negro. Essa prática, conhecida como **ohaguro** (dentes negros), em verdade, começou entre a antiga aristocracia japonesa com a finalidade de prevenir cáries e problemas periodontais. O ingrediente principal era uma solução de acetato férrico, chamada *kanemizu**. Revestir os dentes com esse líquido ajudava a prevenir a cárie dentária e a deterioração do esmalte. O corante tinha de ser aplicado uma vez por dia, e seu uso constante deixava em pouco tempo os dentes negros e com aspecto laqueado brilhante. Logo a sociedade começou a considerar os dentes negros como um símbolo social e passam a ser vistos como um sinal de beleza e *status*. Depois, em 1870, a imperatriz do Japão (Era Meiji) apareceu pela primeira vez em público com os dentes brancos. Posteriormente, o governo proibiu a prática de ohaguro. O motivo da proibição por decreto imperial é interessante. Por volta dos anos 1860, o Japão estava passando por uma reforma em sua política e cultura devido ao comércio internacional. Como o Japão recebia uma influência direta da França e da Inglaterra em vários níveis, inclusive nos costumes sociais, visando certa ocidentalização, o governo naquele cenário histórico não queria descuidar da própria imagem perante os europeus, já que estes consideravam o ato de enegrecer os dentes algo feio e primitivo. Evidentemente apenas um decreto não foi capaz de inibir um costume tão antigo, tendo sido necessária a promulgação de pelo menos

três proibições. Assim, pouco a pouco a prática do ohaguro desaparecia. Atualmente, essa prática é vista como uma estética *vintage*, praticada especialmente por artistas e gueixas nos subúrbios do Japão e em países asiáticos.

Ok, aqui o ponto interessante foi a intervenção do governo (por motivos políticos) no padrão estético vigente. Uma imposição. Entenda, tanto faz dentes negros ou dentes brancos. É evidente que o julgamento de padrões estéticos será sempre subjetivo, e a imposição de um padrão de estética é autoritária. Assim, a possibilidade de exteriorizar preferências e marcar a imagem de acordo com predileções pessoais e sociais faz parte de uma democracia cultural, e não deve e não pode ser imposta. Cada um, cada um. Somos belos na medida de nossas crenças e convicções. Podemos e devemos, sim, discutir a estética e as sensações que a imagem nos suscita, mas não podemos impor nossa opinião sobre a opinião de outrem. Essa é a essência da democracia, a proteção dos direitos humanos fundamentais, como as liberdades de expressão, de religião, a proteção legal e as oportunidades de participação na vida política, econômica e cultural da sociedade.

Seja feliz.

* Solução feita por dissolução de limalhas de ferro em vinagre combinada com taninos vegetais, como o pó de galego ou o pó de chá, forma uma substância preta que se torna não solúvel em água, da mesma maneira que a tinta de ferro é produzida.



Sidney Kina
 Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br